



Quinzenário defensor dos interesses dos Empregados de comércio e industria, literário e noticioso

N.º 13

DOMINGO, 8 DE NOVEMBRO DE 1914

ANO I

REDATORES Amadeu Moutinho
J. Fernandes

DIRECTOR - M. F. de Oliveira e Castro

Redacção e administração - P. D. Afonso Henriques, 27.

EDITOR - A. Meireles Ferreira

Propriedade da Empresa
"O DESPERTAR."

Composição e impressão:

Tipografia de Albano Pires de Sousa,
Rua da Republica, 120 a 122-A - GUIMARÃES

SEJAMOS PREVIDENTES

Já somos dum tempo em que os empregados de comércio não sabiam praticamente o que é o descanso. Refirimo-nos aos empregados de comércio de Guimarães e supomos que não erraríamos se aludissemos a todos os colegas da provincia. Ao tempo já os caixeiros de Lisboa e Porto usufruíam pelo menos meio dia de domingo semanalmente.

Naquelle tempo, que não vai longe, pois não são decorridos mais de quinze anos, eram os sábados e os domingos, estes da parte de manhã, grandes dias de negócio nesta cidade. Então poucos estabelecimentos eram encerrados aos domingos, mas havia alguns que o eram. Havia outros que eram encerrados umas quatro vezes (por ocasião de festas) durante o ano, e outros ainda havia cujos proprietários nunca os encerravam, mas davam aos seus empregados dois dias de folga no ano: pelas romarias de S. Torcato e da Penha. No tempo em que se fundou a Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Guimarães era este o descanso que gosavam os nossos colegas de então.

Em 1901, num dos domingos de Setembro, foi inaugurado pelos caixeiros de Guimarães o encerramento convencional dos estabelecimentos ao domingo, realisando-se um jantar de confraternização da classe. O descanso era limitado, pois não passava de ser da 1, das 2 ou das 3 horas da tarde em diante.

Era pouco descanso, é verdade; mas atendeu-lo-se áqueles tempos que decorriam, deve reconhecer-se que já foi um grande passo dado, em Guimarães.

Ha quinze anos, alem das Associações de Lisboa e Porto, poucas mais haveria criado-se depois. Foi então que se trabalhou com ardor pelo descanso semanal, não se tendo, no entanto, conseguido o descanso por lei senão em 1907, no governo de João Franco; mas este descanso, já avariado por um decreto quasi immediato a sua promulgação, ressentiu-se ainda com a

queda daquele estadista. Deixando de ser cumprido o descanso semanal de 24 horas seguidas, ao domingo, em muitas terras do país deixou de existir por completo. Em Guimarães, não sendo possível sustentá-lo durante todo o dia de domingo, foi conseguido por accordo, mas pelo muito trabalho do denodado defensor da nossa classe sr. Mariano Felgueiras, que éle fôsse desde o meio dia de domingo e dias santificados em diante.

Hoje, por virtude da lei do Descanso Semanal de 9 de Março de 1911, o encerramento dos estabelecimentos é ao domingo, durante todo o dia. E' assim que nós o compreendemos como descanso, que nós o desejamos e que entendemos que devia ser pôsto em prática em todas as terras do país: o domingo todo.

Desde que éle fôsse assim cumprido e em todos os concelhos, não havia nisso inconveniente algum para a vida económica do comércio; e era, sob todos os pontos de vista, de grande vantagem para os caixeiros sem o minimo prejuizo dos patrões.

E' pois no sentido de sustentar o descanso ao domingo onde o ha e de o criar onde éle não é assim pôsto em prática que nós devemos afincadamente trabalhar. Para isso precisamos de união porque é dela que provem toda a força. Precisamos de ser dedicados e apegados á vida colectiva para podermos conquistar o que nos falta e nos faz falta, e precisamos de manter o que já possuímos e que temos toda a necessidade de possuir.

A pequena parte do patronato que antipatiza com o progresso e, consequentemente, com as regalias que usufruimos e ainda mais com as que ainda não usufruimos, não descança. Está sempre em mira para obstar não só a que consigamos aquilo a que temos jus, mas tambem a desfazer o que temos conseguido.

Não descançemos nós tambem. Unamo-nos e amemos a nossa Associação, empenhan-

Crónica Lisbonense

Sessão solene para abertura do ano lectivo e distribuição de livros e diplomas aos alunos

Com a presença do sr. ministro da instrução, realisou-se no passado dia 1, pelas 20 horas, na sede da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, uma sessão solene para abertura do novo ano lectivo e distribuição de livros e diplomas aos alunos que, no ano findo, fizeram exames dos varios cursos que ali se ministram.

As salas encontravam-se repletas de gente, figurando entre essa numerosa assistência, um grande numero do sexo feminino.

Eram 8 horas e vinte minutos, quando o nosso presado colega Alfredo Moura, presidente da direcção, sobre o estrado pronuncia algumas palavras alusivas ao acto.

Agradece em primeiro logar ao sr. Sobral de Cid, ministro da instrução, a sua comparencia, e bem assim a todas as colectividades que se fizeram representar, o que bem demonstra a consideração em que é tida a Associação dos Caixeiros, não só por essas colectividades, como tambem pelos poderes públicos.

Faz em seguida a historia da acção instructiva da Associação, e termina por convidar a presidir áquella sessão o sr. Ministro da Instrução, que por sua vez convidou para secretaria-lo os srs. Manoel Joaquim dos Santos e Adelinho Moreira, respectivamente representante da Câmara Municipal de Lisboa e professor duma das aulas da Associação.

Foi dada em primeiro logar a palavra ao nosso presado colega Francisco Santos, membro da Comissão de Instrução, que procedeu á leitura do relatório.

Terminada a leitura, o sr. presidente dá a palavra ao sr.

António Mário Pires

representante da Universidade Livre

que começa por dizer que, o impulso dado pela Associação dos Caixeiros á causa da instrução e o auxilio que vem prestando ao es-

do-nos sempre para que ela progrida, para que ela se fortifique; prestemos egualmente todo o nosso apoio á imprensa da classe, pois esta é, de par com a Associação, uma verdadeira sentinela vigilante do nosso bem estar e ao mesmo tempo um óptimo meio de ataque e protesto contra todas as prepotências e contra todas as vilanias que sobre a nossa classe sejam tentadas.

Devemos ter sempre em vis-

tado, é digno da nossa admiração.

Nos momentos mais criticos da vida nacional, ela tem demonstrado claramente que os seus objectivos são sempre belos.

Eu desejaría bem, diz o orador, que todos os caixeiros se convencessem, que só por meio dessa formidável alavanca: a instrução, se podem emancipar.

Termina saudando, em nome da colectividade que representa, a Associação dos Caixeiros.

Em seguida fala

Joaquim Domingos

representante do Conselho Geral da Federação

Diz não ser já aquele propagandista no meio operário de outros tempos, no entanto ali se encontra no cumprimento do seu dever.

Faz diversas considerações sobre a lei do descanso semanal e refere-se principalmente á deprimente situação dos nossos colegas marçanos.

Termina por afirmar que milita nas fileiras avançadas desde bem novo, e que, tendo tomado parte, em 1911, no congresso sindicalista Português, e tantas outras manifestações caracterisadamente internacionalistas, sente, contudo, uma afecção profunda á terra que o viu nascer.

Entende mais, que não é com actos malcreados como os que há pouco foram praticados por um ou dois individuos que se dizem sindicalistas, dentro da associação, que se ha-de erguer á sociedade futura.

Francisco Guerreiro

Professor da aula de Portuguez

Diz: Não é com o intuito de fazer um discurso que vai usar da palavra, mas sim para dizer praticamente como professor que é, alguma coisa sobre a aula que tem a seu cargo.

Conhece o esforço dispendido

ta esses casos de Viana, Barcelos e Lamego; e que esses repelentes casos nos sirvam de lição para que sejamos previdentes.

E' difficilimo, senão impossivel, convencer um patrão despota e caturra a vir ao bom caminho. Convençamo-nos, portanto, nós de que senão procedermos com perspicácia e previdência iremos cair num precipicio ao fim dum mau caminho.

pela Associação para poder sustentar as aulas que actualmente mantem.

O beneficio que delas resulta para o caixeiato Lisbonense, é-nos demonstrado claramente pelo numero relativamente elevado que as frequenta.

O tempo de que os caixeiros dispõem para se instruírem é sem dúvida insufficientissimo, e assim, aqueles que animados duma vontade invulgar, se pretendem instruir, têm que ir roubar o tempo indispensavel para o fazer, ao pouco que já possuem para o seu descanso.

E' por isso que afirma que a regulamentação de horas de trabalho se liga com a instrução. E quanto mais cedo for reconhecida esta justissima regalia aos empregados no comércio, um tanto melhor, visto que, são perto de 100 mil individuos que assim se podem dedicar á cultura do seu espirito, tornando-se homens livres e prestaveis a si e á sua pátria.

Cardoso Gonçalves

representante da Academia dos Estudos Livres

Diz que vem trazer ali as felicitações mais entusiasticas da colectividade que representa.

Lembra-se ainda do tempo em que a Associação dos Caixeiros se encontrava instalada numa das travessas da baixa, e as sessões desta natureza nesse tempo, eram passadas por assim dizer em familia. Hoje é como se vê, as salas repletas de gente; é sem dúvida uma prova evidente de que a Associação dos Caixeiros tem tomado um grande desenvolvimento e o povo Português vai tomando a sério o grande problema da instrução.

Historia, em seguida, a vida da «Academia dos Estudos Livres», desde a sua fundação, e termina fazendo votos pelo progresso da Associação.

José Lourenço Casimiro

representante de D. Ana Castro Osório

Diz que vem ali apresentar as desculpas da senhora que representa, pela sua não comparencia áquella sessão, visto que o seu estado de saude a impossibilitou em absoluto de ali vir.

Aproveita a ocasião para chamar a atenção do sr. Sobral de Cid para a forma como se encontra o ensino primário por esse país fora. Ha escolas que possuindo todo o material escolar, não tem professor; outras há que, tendo professor, nunca levaram um unico aluno a exame. Ora este estado de coisas não pode continuar para honra e brio da República.

Nesta altura o sr. ministro da instrução procede á distribuição dos diplomas e de uns livros que foram oferecidos pelo nosso colega José Ferreira Tomé, para os alunos da instrução primaria.

Este acto é constantemente interrompido por vibrantes salvas de palmas.

Terminada a distribuição, o sr. presidente dá ainda a palavra ao distinto professor que acabava de chegar sr.

Agostinho Fortes

Este senhor, com a autoridade científica que todos reconhecem e admiram, começou por dizer que se considera quasi o pai da Associação, visto que foi ele quem organizou os seus primeiros estatutos. Depois disso, tem seguido sempre a par e passo a vida da Associação, e assim, não poderia de forma alguma ali faltar.

Depois, num brilhante discurso, refere-se á instrução Commercial, ás qualidades de trabalho de que é dotado o nosso povo, aos feitos brilhantes dos nossos antepassados, á decadência a que chegou o nosso país, e ao ressurgimento que se vem evidenciando de há anos a esta parte.

Ele desejará bem que todas as reivindicações a formular pela classe operária fôsem de molde a assegurar-lhe o trabalho, indispensável para o seu mantimento, visto que sem trabalho não pode haver descaço, este é uma conveniência de aquele. Quando o operariado se vê na miséria com a falta de trabalho, é decerto não vai reclamar descaço mas sim trabalho, e assim, assegure-se primeiro que tudo o trabalho, reclame-se depois o descaço.

Conhece mais ou menos a fundo a vida dos caixeiros de há quarenta anos a esta parte. É certo que ela hoje é má, no entanto ela em nada se parece com a dos antigos tempos em que os caixeiros eram mais escravizados que os próprios escravos.

Eles tem tido momentos de revolta que tem chegado ao exagero, mas se nós formos examinar bem o seu fundo, nós vemos que sempre lhes assiste razão e justiça.

É absolutamente necessário educar-nos, pois só assim, a redenção da humanidade pode ser um facto.

Alfredo Moura

Este nosso colega, usando novamente da palavra, apela em nome dessa legião enorme dos empregados no comércio, para o sr. ministro da instrução, conhecedor agora da verdadeira justiça que assiste aos empregados no comércio, procure levar o senado a aprovar em Dezembro próximo o projecto-regulamentação das horas de trabalho que representa a mais alta aspiração do caixeiro Português.

É ao sr. Manuel Joaquim de Sousa, representante da Câmara Municipal que dirige o segundo apêlo.

Espera que, logo que seja aprovado no senado o horário de trabalho, a Câmara proceda á sua immediata regulamentação nas condições que a desejam ardentemente todos os Caixeiros Portuguezes e ainda uma grande parte da classe patronal.

É, finalmente, para a classe que vai o terceiro e último apêlo. Que se lembrem todos os caixeiros que na rua Garrett 62-1.º, existe a Associação dos Caixeiros, e ela necessita hoje mais do que nunca, que lá dentro se encontrem todos os Caixeiros a prestar-lhe o seu auxilio. Se assim fizerem, o passo dado para a nossa emancipação será gigantesco.

Fala finalmente o sr.

Sobral de Cid

Ministro da Instrução

Agradece em primeiro lugar as manifestações de que acaba de ser alvo.

Diz: é como um sincero devotado da causa da instrução que ali se encontra. Sentiu-se feliz ao distribuir os diplomas aos caixeiros estudiosos que no passado ano lectivo, há custa de enormes sacrificios, que representam um grande esforço de boa vontade, conseguiram adquirir tão bons conhecimentos.

Mesmo ministro da instrução temporariamente como é, não deixou, nem já mais deixará, de se interessar pela instrução profissional em todos os ramos da actividade, que sempre tem defendido quer como médico, quer como professor.

Conhece bem a vida do antigo caixeiro. Vindos das aldeias ainda crianças, eram como ainda hoje mais ou menos acontece, metidos dentro dum balcão duma loja sombria, e ali passavam miseravelmente toda a sua existência.

Nesse tempo, ninguém se preocupava se o empregado tinha ou não instrução visto que o comércio desse tempo não a exigia. Dava-se mesmo o caso quando entre os filhos dos burguezes aparecia algum que não tinha inclinação para as letras, era-lhe dado como castigo a vida de caixeiro.

Mas na vida moderna só os individuos verdadeiramente instruidos, conseguem vencer as grandes lutas pela existência.

O conhecimento das linguas estrangeiras, geografia e tantos outros conhecimentos, são hoje elementos indispensáveis para o desempenho consciente da grande missão que cabe aos empregados commerciaes.

Felicita-se por ver que a Escola Elemental do Comércio é largamente frequentada pelo caixeirato.

Eu vos afirmo, diz, que me fizeis de ora avante um acérrimo defensor das regalias do caixeirato. O descaço semanal que eu junto com o sr. Bernardino Machado ajudei a conquistar, está hoje mais ou menos regulamentado. Para a regulamentação de horas de trabalho, alcançaram já os caixeiros uma vitória, vitória essa, que lhes dará o triunfo muito em breve da sua justa causa.

Quando há tempos estive em Paris, tive occasião de ver que ás sete horas da tarde todo o comércio encerrava excepto as mercearias que só o faziam ás sete e meia.

Nos restantes paizes da Europa, essa regalia tão humanitária já hoje é reconhecida aos empregados no comércio.

É absolutamente necessário e urgente que se reconheça aos caixeiros Portuguezes essa sua bela aspiração, para que eles possam cultivar o seu espirito e dedicarem-se á familia.

Não tem lugar nas cadeiras parlamentares, mas no entanto é natural que ainda lá possa erguer a sua voz como representante do governo, em favor da regulamentação de horas de trabalho.

Se se conservar ainda no governo nessa altura, tomo desde já o compromisso mais nobre, que será um dos primeiros a demonstrar aos srs. senadores, que a regulamentação é uma medida indispensavel e urgente para o desenvolvimento fisico e intelectual de dezenas de milhares de individuos que se occupam no comércio.

Ao terminar o seu brilhante discurso que foi muito aplaudido, foram levantados vivas ao caixeirato, á regulamentação de horas de trabalho, á República e ao sr. Sobral de Cid.

Lisboa, 2-11-914.

JULIO MARTINS.

Todo o bom caixeiro, que se prese de o ser, deve ser sócio da sua Associação e assinar os jornais da classe.

Impressões dum passeio

Tivesse eu alma de poeta, que havia ser em encantador alexandrino que eu fazia a descrição dum grande passeio que dei no domingo passado, na companhia de seis amigos, por terras do Minho, Douro e Traz-os-Montes.

Eram 7 e meia quando abalamos desta cidade pela estrada de Fafe até Paço e depois pela de Felgueiras. A manhã era húmida e fria. Não obstante o bom agasalho de que iamos munidos, o ar frio, agravado ainda pelo andamento do automóvel, parecia cortar-nos o rosto.

Foi, pois, a tiritar de frio que demos entrada na linda vila de Felgueiras, que áquella hora, por ser domingo e cedo, não tinha o movimento costumado.

Depois de eu visitar uma familia que muito considero, almoçamos ligeiramente, ficando assim já refeitos para aguentar a viagem até Celorico de Basto. Não nos foi possível admirar os montes que rodeiam Felgueiras porque um nevoeiro denso os envolvia.

No entanto, quando faziamos a nossa partida para Celorico, já o sol tinha quasi rompido essa névoa densa, e pudemos então admirar o lindo monte de Santa Quitéria, que a estrada tornea em parte. Pelas proximidades de Felgueiras estendem-se fertes planicies. Logo a seguir, porém, caminhavamos pelas encostas de montes elevados e viamos, ao fundo, grandes vales, enormes despenhadeiros. Era admiravel o panorama que se oferecia aos nossos olhos.

Depois de caminhar-mos por uma estrada a serpentear pelas encostas dos montes, depois de vermos grandes vales cavados em montanhas elevadas e planicies mais ou menos extensas e mais ou menos cultivadas, deparou-se-nos, á nossa esquerda, o castelo de Arnoia, que se levanta num monte pouco elevado e cujas paredes escuras que parecem quasi a desmoronar, denotam a sua antiguidade.

Logo a seguir, depois dum as pequenas curvas, estende-se á nossa vista um maravilhoso panorama: á nossa esquerda, com a base assente numa extensa ribeira, ergue-se um grande outeiro todo cultivado. Os seus campos são uma infinidade de geiras, que fazem lembrar enormes escadas para gigantes subirem ao seu cume.

Por entre essas geiras cultivadas e por entre tortuosos caminhos lavrados na grande encosta do outeiro e na ribeira, branquejam grandes e pequenas casas que, por serem bastante raras, não se acotovelam como as dos grandes povoados. É Borba da Montanha.

Na nossa frente, ao longe, para o lado de Mondim de Basto, viamos uma bela colina em cujo cume branquejava um santuário: é o monte da Graça, cujo nome bem apropriado achamos.

Passados poucos minutos, entravamos na vila de Freixeiro e apeavamos junto ao hotel, que julgo ser o único da vila. Um telegrama que um dos meus companheiros havia dado de Felgueiras para este hotel teve ali a sua recepção ao mesmo tempo que nós. Rápida transmissão!

Almoçamos então, a valer, em Freixeiro, não podendo eu deixar de me referir ás amáveis pessoas que conosco se sentavam á mesa, interpretando também o sentir dos meus companheiros. Tão amáveis e tão delicadas eram estas pessoas, que não se mostraram infadadas com os nossos apartes talvez um pouco livres, mas sempre decentes; e querendo demonstrar-nos bem a sua simpatia, tiveram a gentileza de nos saudar com palmas na occasião da nossa partida. Que recebam aqui mais uma vez a expressão sincera do nosso reconhecimento.

De Freixeiro ou Celorico, partimos para Fermil e seguimos para Mondim, atravessando o Tâmega pela elevada ponte que liga as duas margens e não s i bem se mesmo as duas provincias—Minho e Traz-os-Montes.

Em Mondim de Basto, ficava-nos á esquerda o referido monte da Graça.

Percorremos a vila na sua maior extensão, mas fizemos a volta sem apear-mos. Apeamos, na volta, sobre a ponte e vimos, lá ao fundo, a escura água do Tâmega no seu infinito correr para o Douro.

De Fermil a Gandarela não viam os nossos olhos senão montes elevadissimos e despenhadeiros profundos.

Os montes são ásperos, fragosos; os vales são cheios de vegetação.

O maior vale, ou antes a maior ribeira, que se encontra entre Fermil e Gandarela é, salvo erro, a de Sub-ribas.

(Continua).

Guimarães, 14 | 10 | 14.

Elmano.

Armando Nunes Sampaio

Do Porto, onde era empregado de comércio e desempenhava os cargos de vice-presidente da União dos Empregados de Comércio e administrador do nosso presado colega «Acção», transferiu a sua residência para Carrazeda de Anções, onde se acha estabelecido, o nosso estimado ex-colega Sr. Nunes Sampaio, a quem desejamos todas as prosperidades.

Carta do Porto

No dia 18 do mez passado foi a Tuna da União, a convite dum grupo de negociantes, dar um concerto no Teatro Afonso Sanches, a Vila do Condé.

Começou o concerto ás 15 horas constando dum dos melhores programas apresentados pela Tuna.

Foi mais uma coroa de louros colhida pela Tuna, o que não é extranhavel pois que as tem colhido em todos os concertos. Depois realizou-se um jantar oferecido pela mesma comissão á Tuna, no Hotel Central, onde foram trocados entusiasticos brindes.

—Reuniu no dia 20 do mesmo mês o Conselho Director da União com a comparência de todos os membros.

As resoluções mais importantes tomadas, foram: Atender a recomendação da Junta Executiva da Federação das Associações dos Caixeiros Portuguezes (zona norte) no sentido de se representar junto do sr. Ministro do Interior contra a aprovação do regulamento do descaço feito arbitrariamente pelo Senado Municipal de Lamego, e junto deste contra o mesmo regulamento; mandar reformar os adornos de estofos das janelas do edificio da Associação; a criação de dois cursos preparatórios sendo um de Português e outro de Francês; abrir as matriculas para o novo ano lectivo; reclamar junto da câmara Municipal de Valpassos contra o desrespeito á lei do descaço semanal e incitar os nossos colegas de ali a que reajam, e não consintam o abuso dos patrões nem a vista grossa das autoridades.

Já está aberta a matricula para as aulas que, como nos anos anteriores, funcionarão na União dos Empregados de Comércio do Porto. Serão lecionadas as aulas de Português e Francês preparatório e secundário, Caligrafia, Escrituração Commercial, Inglez e Música.

Na União estão patentes as condições de matricula e as aulas abrirão infalivelmente na primeira semana de Dezembro.

—Reuniu no dia 27 do p. p. o grupo «Acção» a cuja reunião também assistiram os colaboradores, para se tomar conhecimento da administração do jornal durante o terceiro semestre.

O estado financeiro do jornal é o melhor possível. Depois de expostas as contas, o colega César Rodrigues, director da «Acção», declarou ser-lhe impossivel continuar á frente do jornal por motivos particulares.

Procedendo-se então á escolha do novo director, aceitou o cargo, depois de muitas instancias, o colega Joaquim Faria. Devido á ausencia de Armando Sampaio houve necessidade de escolher um novo administrador, sendo escolhido o colega José Rodrigues da Silva.

ABILIO MARTINS

Correspondência

C. P.—MIRANDELA—Recebemos e agradecemos.

M. P. F.—VIZEU—Recebemos o postal e notamos as assinaturas. Muito obrigados.

J. F. O. C.—PORTO—Recebemos a conta do que lhe devemos e que vamos mandar pagar. Agradecemos-lhe todo o trabalho que teve

Secção Literária

DUVIDA...

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Dolandina O. Silva.

Dantes... (já vai tão longe o tempo de ventura!...)
Era eu o teu affecto, a doida aspiração
De uma alma juvenil, que entrega o coração
Aos mais doces transportes da maior ternura.

Amor, o doce amor que prende a criatura
Tinha em ti o ideal, a meiga encarnação
Na pura forma humana; e que doce atracção
Num gesto, num olhar, num riso de candura!...

Hoje, tudo mudou!... e nem sei qual rompeu
Esse élo que um ao outro tanto nos ligou...
Ai!... qual de nós peçou?... diz!... qual de nós morreu?...

Onde a chama de amor que aos dois tanto inflamou?
A morta serás tu?... o morto serei eu?...
— Responde tu, sim, que eu já não sei quem sou!...

Tapada d'Ajuda, 10—914

J. F. S. LÉMOS.

NO MAR!

(Do meu affectuoso amigo Alberto Vieira)

Olhemos em redor. E' grandioso
O espectáculo á vista bem patente!
São grandes as belezas no poente
A esta hora e neste mar assim formoso!

Aquele rosicler, Oh! Formosura!
Aqueles nuvens purpura e setim
Todes como que entoando hinos sem fim
Atestam a grande obra da Natura!

O vapor aprofado sempre ao Sul
Prosseguia solícito a carreira...
Fitava os olhos lá no céu azul!

Encanto!... Foi então a vez primeira
Que eu vi passar em grande procição
Tudo da patria—amigos que meus são!

Bôma, Setembro de 1914.

A.

POETAS

(a Rolando)

Místicos de saudade eu vos bendigo
Quando o vosso talento vos contemplo!
De quanta intelligencia, sois o templo,
Onde a inspiração encontra abrigo!

A vossa carne tísica d'amar
Invoca-vos cadente poesia!
Vossa morte é o remorso da que ria
Quando em verso carpiéis o penar!

Se procurais cantar a natureza,
Como desenvolveis sua beleza!
Quão dela vos inspiram seus odores!

De cabeleira, eu gosto de vos ver,
Ao vento a trementar. Qu'reis o sofrer?
Pois se ele inspira... misticos cantores.

Guimarães, 1—11—914

J. N. TEIXEIRA.

RECORDAÇÕES

A rosa do teu vestido

Há dias, por uma destas manhas nevoentas, entristecidas por as primeiras melancolias do outono que inspiram tanta saudade, ao contemplar um ramalhete de flores que o tempo tinha ressequido, encontrei uma rosa vermelha de côr muito viva e que o tempo não tinha modificado em nada.

Ao vê-la de perto, ocorreu-me a recordação dum amor triste, mal compreendido, desfeito aos primeiros embates, que sossobra, que se desluz ao nada as paixões mais fortes.

E essa singela rosa que em tempos tinha sido orgulhosa; que tinha uma ostentação rendosa, era feita dum bocado de seda que mãos finissimas tinham talhado caprichosamente, para enfeite duma toilette pomposa da Estação de verão.

Foi no 1.^o de Abril. Recordo-me bem... Quarta que contrastava em beleza, em inspiração, em sentimento com a que há dias se passava.

Nesse dia, pairava na atmosfera um receio, um não sei quê

de duvidoso ao receber-se qualquer embrulhosinho. E ao daremno, rodeado de mil precauções, anelante, hesitante, abri devagar esse misterioso envólucro. Era pequeno.

Envolto em papel de seda, não transparecia o mistério que encerrava.

O papel era todo cheio de poesias... A festa dos estudantes.

Reunindo todas as forças, recobrando serenidade, abri sem medo...

Uma pequenina saca de rede como as que os caçadores levam a tiracolo para a caça.

Dentro, juntamente a uns beijos roubados ao mar, que tantas vezes viram beijar ao de mansinho, docemente, a areia da praia.

Eles que tinham ouvido o gemer triste da sua ondulação.

Eles, finalmente, que foram testemunhas silenciosas e mudas do casamento da brisa almiscarada com o murmúrio lânguido e acre as resinas dos pinheiros, que agitados pela ventania se estendia por o mar dentro.

Vinha também uma rosa vermelha, dum carminado vivo como os lábios assetinados de sua dona primitiva. Era triste, melancólica, como o gemer do vento em noites sombrias de inverno ao passar por as árvores de hastes erguidas, desprovidas da folhagem que as tornava graciosas.

E essa rosa singela, triste, melancólica, sem perfume, mas que não obstante a sua singeleza era formosa, pensava:—Porque foi que me privaram de acompanhar de perto, seguindo os meus passos, sentindo as mesmas palpitações ora intensas e agitadas, ora brandas e calmas da pessoa que sempre acompanhei?

—Porque foi que ao talhareme em rosa não me deram o perfume que embriaga, que seduz, que inebria o olfato?

—Porque não deram ás minhas pétalas hirtas a viçosidade, a fragilidade que as outras minhas irmãs em nome possuem, que logo de manhãzinha cedo apanham em sua corola o rócio matutino?

—Porque não deram ao meu calis o polem que mais tarde a abelha, zumbindo docemente, viria a apanhar e depois de o absorver o levaria para o seu cortiço, para fabricar o mel que a humanidade saboreia?

Ah! como estou condenada a viver neste triste isolamento em que me fizeram cair! Ah! como viveria novamente feliz se pudesse viver perto, bem perto que novamente ouvisse os seus passos vagarosos, escutar as contemplos da noite, e o balbuciar de seus lábios!

O que eu não diria então...
Era ao ir para a missa, em manhãs de verão que a natureza acordava com o toque gemente dos sinos.

Lá ia a rosa toda vaidosa, ouvir as preces fervorosas que saíam do íntimo da alma da sua dona. Caída em extase religioso, pedia a Deus que lhe deparasse na vida um homem que reunindo todas as boas qualidades, fosse mais tarde o esposo amantíssimo.

Que fosse o companheiro fiel, que com o seu olhar daria a alegria no lar onde crepitaria um lume brando, onde se aqueceriam em noites frias do inverno.

E Deus, o Deus cheio de bondade, infinitamente bom, parecia aceder ás súplicas que tão fervorosas partiam dum peito tão juvenil.

E essa rosa triste, melancólica e meditativa, absorva outra vez em cogitações profundas, soltou um gemido que dilacerava a alma.

Era o desprender da esperança nas fauces dum sepulcro.

Outubro, 914.

CUPIDO.

ARREPENDIDO

(Ao meu íntimo amigo António A. M. A.)

(Conclusão)

Na noite dê-se feliz dia, noite silenciosa e quente, resolvi ir passear para o campo. Assim, em socego, a fantasia podia espalçar e a habilidade traçar...

Caminhei gravemente sem destino, absorvido em mil pensamentos e desejos...

Era uma destas noites escuras em que os corações se fecham duvidosos.

Para maior tranquilidade, principiei a evocar esbeltas figuras do amor, bardos apaixonados, heroínas lentárias, guerreiros destemidos, e recordei também os deuses da beleza, do amor e da força... D nada valeu.

O mado assaltou-me no meio daquelles campos largos e fundos, áquella hora morta das confidências dos raptos e dos crimes, áquella hora augusta do silencio e do repouso.

Confusos murmúrios, perdidos rumores ensurdeciam-me.

E esses rumores cheios de mágicos encantos que me entristeciam, eram sentidos arpejos de almas enamoradas, trovas elegiacas de corações feridos, suspiros amargos de virgens traídas, cantos alanceantes de Israel, harmonias sugestivas de Apolo; eram ecos de desejo e de volúpia...

Nessa noite, oh! felicidade!... eu ouvi distintamente a voz suave da mulher que desejava. Estremeci de contentamento e alvoroço.

A sua voz subia num crescendo harmonioso, clara, firme e compassada.

Cantava, e a sua toada alegre traduzia lamentos, dores e medo.

Lentamente, de manso e manso, cambaleante e receoso, fui-me aproximando...

Saltei sebes e balsados, muros altos e ladeiras que me impediam, calquei flores que choravam e arbustos rasteiros que gemiam. Conheci a minha perseguição e queria obstar...

Rapidamente, como por encanto, em lentos suspiros, morreu aquella voz sublime de sereia. Parei indeciso. Nada mais ouvi.

Depois a curiosidade forçou-me a caminhar. E como um ladrão seguro e conhecedor, caminhei sempre, até que distingui um vulto.

Era ela! Afirmei-me melhor e não pude reprimir um prolongado suspiro.

Chorava... —Então? Que tem?—perguntei ansioso.

Volveu para mim o olhar embaçado e triste, um olhar de perdão, e disse:

—Para me alegrar um pouco principiei a cantar... depois reconheci que fiz mal... Ouvi passos, calei-me... mas já foi tarde... Tudo desconfi!

E dizendo isto, deu meu dúzia de passos; queria fugir-me.

Detive-a, ameacei-a. Timida, cedeu ao medo e á ameaça.

Com palavras persuasivas, embalecantes, venci os seus estímulos e exigências, abrandei todos os receios e principiei a pedir, a desajar... Não a encarava com visos de malvado, mas fortemente picado pelo calor do desejo e da tentação principiei a lutar... Esqueci-me de que estava falando com uma alma generosa, de que estava lutando com a fraqueza.

O temor, o respeito pela virtude, as paixões, as simpatias pelo amor, não me demoveram.

A voz insondavel da noite, cavernosa e mistica, increpava-me; o céu escuro e pesado, ameaçava-me, e tudo em volta de mim surdamente rugia.

Circulo de lamentações e ameaças.

De vez em vez, as palavras implorativas da minha presa eram entreortadas por soluços prolongados...

Pedi, chorou, mas nada conseguiu.

Depois, é claro, prometi tudo, firmei novos juramentos e promessas, fantasiei delicias, felicidades, galas, flores, pintei lindos quadros, calori paisagens, arquitetei um maravilhoso éden, seduzi, dispuz, fascinei, até que sem custo venci...

Um encontro noturno é uma vitória.

A reflexão, porém, trouxe o arrependimento.

V.

Os jornais da classe são as sentinelas vigilantes do bem-estar dos empregados do comércio. Todos, porisso, devem prestar-lhes o seu auxilio.

NOVELA LITERÁRIA

COBARDIA

Por Henry Donaver

Tradução de António Lima

Só depois de entrar no club é que Gerardo Courty teve consciência da sua personalidade.

Nesta reparação tinha êste pensado durante os quinze anos vividos no sertão africano, onde tinha ido restabelecer a sua fortuna. No seu espirito este regresso tinha o valor de reabilitação, devia apagar a memória da sua saída de outrora inutilmente arrogante, visto que a arrogância não fica bem ao vencido e particularmente ao que acaba de jogar a fortuna e de a perder numa cartada. Apesar do acolhimento dos seus amigos ser affectuoso, todavia êle esperava ser melhor recebido. O esquecimento intremetera-se. Havia desaparecido deploravelmente arruinado!

Reaparecia novamente rico: isso estava bem. Já as congratulações perdiam o calor do entusiasmo primitivo quando uma exclamação de alegre surpresa propositadamente veio interrompê-lo: —Gerardo! Que feliz acontecimento o faz voltar?

—Um acontecimento que teve a duração de três lustros é um acontecimento de grande fôlego, contudo êle faz-me apreciar mais a felicidade de o ver meu caro Ottende.

Roberto Ottende tinha sido seu adversário durante a fatal partida que havia consumado a sua ruína. E o vencido doutroza que já-mais havia guardado rancor ao seu parceiro—pois que êle não tinha sido mais que um autómato nas mãos da sorte—surpreendeu-se indignado ao descobrir em si um rápido ressentimento. Já os camaradas do club se tinham reunido nas salas do jogo.

Os dois rivais ficaram sós.

Posto que atormentados pelo mesmo pensamento, tentaram todavia conversar, simplesmente; mas a vaidade de seus esforços appareceu bem depressa e Gerardo propoz:

Não insistamos. Lucramos mais em não tagarelar. Retomemos a nossa partida doutroza, desgraçadamente interrompida pela minha ruína.

Em formulando esta proposta esperava ele que Roberto se recusaria, o que, aliás, assim aconteceu, mas então ele julgou a recusa como causa de irritação, e, hypocritamente, insinuou:

—Ah! Ah! você receia ver-me tomar a desforra...

—Se você o compreende assim, meu caro amigo, estou ás suas ordens.

A acentuação marcava que para futuro eles seriam inimigos. Enquanto que se instalavam, Gerardo fixou as condições:

—Descarte... em sete pontos?

O outro inclinou-se sem responder, e não trocaram senão as palavras necessárias para indicar a parada, pedir ou recusar cartas. O acontecimento patético exercem uma atracção que os revela.

Em poucos instantes, aqueles que ainda não ha muito tempo tinham sido espectadores do torneio fatal, achavam-se amontoados em volta dos jogadores. E desde que a sorte principiou a tratar rudemente Gerardo de Courty, a partida tomou então um andamento inquietador.

Já parecia que o azar o impelia ao desastro.

(Continua).

Congo-Belge, Coquilhatville, Setembro de 1914.

ANTÓNIO LIMA.

MERCEARIA CASTRO

DE
FRANCISCO DE CASTRO GUIMARÃES

RUA DE PAIO GALVÃO

(EM FRENTE AO MERCADO)

GUIMARÃES

Neste estabelecimento encontra-se sempre um sortido completo em generos alimenticios de 1.^a qualidade.

Especialidade em azeite de Mirandela.

Finissimo bacalhau Ingles e Noroega.

Variado sortido em chocolates, cacau e conservas de Espinho.

Vinhos finos, champanhe, cognac, licores, etc.

BARBEARIA MILALEZA

-DE-

MANUEL CALISTO

RUA DA REPUBLICA

Esta barbearia, que prima pela limpeza e aceio, recomenda-se á elite vimaranense.



CASA PENHORISTA VIMARANENSE

FUNDADA EM 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

LEGALMENTE HABILITADOS

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de credito.

RUA DA REPUBLICA, 144—GUIMARÃES

ARMAZEM DE MERCEARIA

DE

OVIDIO VARELA DE ABREU ALMEIDA

14—RUA DE CAMÕES—18

GUIMARÃES

Completo sortido em generos alimenticios de primeira qualidade e preços sem competencia.

Chá, café, assucar, arroz, bacalhau, massas, bolachas, manteiga, queijo, etc., etc. Vinhos e azeites de 1.^a qualidade.

Deposito de enxofre e sulfato de cobre.

Carvão de coke, cada 15 kilos 230 réis.

Confeitaria Parisiense

DE

DOMINGOS VINAGREIRO & F.^{os}

* * GUIMARÃES * *

Generos de mercearia de primeira qualidade

Grande e variado sortido em pasteis

Variedade em doces

Especialidade em doce de ovos

Grande sortido de Bolachas Inglesas e Nacionais das principais fábricas

Five o'clock tea

LUNCH'S

Variados Sorvetes

SANDWICH'S

BOMBONS DE VIENA

Rebuçados austríacos

Vinhos de mesa finos e espumosos

Champanhes, Cognacs e Licores

Conservas Nacionais e estrangeiras

Massas e farinhas alimenticias

Chá, Café, Chocolates e Cacaos

EXECUTAM-SE ENCOMENDAS PARA CASAMENTOS, BATISADOS e SOIRÉES



QUEREIS VESTIR BEM?

Visitai a Alfaiataria Progresso da Moda de Gaspar Lopes Ribeiro—R. da República

(Antiga Rua da Rainha)

AONDE ESTEVE A CASA HIGH LIFE

Esta acreditadissima casa confecciona pelos ultimos figurinos toda a classe de obra para homens, senhoras e crianças, garantindo-se a elegancia do corte moderno e o seu perfeito acabamento.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

JORQUIM DE S. BOAVENTURA MENDES GUIMARÃES

1, RUA DE S. DAMAZO, 3

GUIMARÃES

Nesta casa encontra-se sempre completo sortido em cabedais nacionais e estrangeiros.

Deposito de malas e exportação de calçado.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

"O DESPERTAR,"

Quinzenario defensor dos interesses dos Empregados de comercio e industria, literario e noticioso.

PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 27

GUIMARÃES

Preço da assinatura

Portugal e Africa—ano, E 0,60 (600 réis)
Colonias — E 1,50 (15000 réis)
Estrangeiro — E 1,80 (18000 réis)

A cobrança pelo correio aumenta 8 centavos (80 réis) a cada recibo.
O preço dos anuncios é convencional.

"O DESPERTAR,"

Quinzenario defensor dos interesses dos Empregados de comercio e industria, literario e noticioso

Cidadão

Sociedade Martins Sarmiento

Guimarães

